



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XX—N.º 497—Preço 1\$00  
30 DE MARÇO DE 1963

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA ★ FUNDADOR: Padre Américo ★ VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENÁRIO  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS ★ COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Em nova era esbelta. O pecado, porém, matou-lhe a inocência. E ei-la mãe de quatro inocentes, sem pai. Hoje aparenta velhice, ainda que continuando nova. Os filhos, crescidos já, sumiram-se cada qual para seu lado. E a pobre mãe cadavérica exalando mau odor, provocado por tumor canceroso, geme num catre dentro dum pardieiro. As forças cansadas das vizinhas, que se foram achegando ao longo de meses, sabem dizer agora — estamos fartas já: não se pode mais com o cheiro. Vou até ao local mais um doente do Calvário. Achego-me também, não para atirar pedras, mas para defender uma indefesa quase moribunda. E que faço em prol da pobre doente? — O que tu farias, se tens sensibilidade cristã. Vejo. Cheiro. Arrepio-me. E carrego a enferma, aliviando deste modo o peso incómodo daquelas paragens.

Que felizes somos nós os crentes!

O mundo anda em busca de matéria prima para seus altos negócios. Perfura o globo para encontrar petróleo. Cava os montes para encontrar minério. É a meta das suas aspirações.

Eu, e crente de que somos muitos, ando em demanda de outro capital, que é o sofrimento. O Calvário é um Banco de sofrimento. Cada doente é um valor que não se pode menosprezar. A ânsia de valo-

rizar este potencial que tantos acumulam no leito ao longo de anos, nasce do conhecimento que o crente colhe, que o padre colhe, na visão do nosso mundo. O mundo precisa de Redenção. E sem-na dor esta não se opera. Logo, tu mais eu que vivemos no mundo, que sofremos a influência do mundo,

Con. na pág. TRÊS



A Alice e o seu grande Amigo

## FESTAS

A gente que há-de dizer? Nós somos os de dentro, os de dentro da Festa... Parece mal dizermos que ela foi muito boa do nosso lado, do lado de dentro! Mas do lado de fora?, da banda de lá do palco onde o público se apinhava, que nem uma agulha caída do tecto tocaria o chão?...

Ah!, desse aspecto da Festa podemos falar, pertence-nos falar e falaremos.

—E o que havemos de dizer?...

—Graças a Deus!

Presença de Deus é a explicação daquele clima extraordinariamente caloroso, profundamente afectuoso, digo mesmo: religioso, que se produz na sala de espectáculos onde os nossos Rapazes e Doentes aparecem — não pela força da sua arte, da sua graça, mas por graça daquela Presença que está prometida e faz clima onde dois ou três se reúnem em Seu Nome. Não é em vão que a Obra da Rua está consagrada e foi edificada sobre a pedra angular cujo nome é Jesus Cristo. Onde ela aparece — é Cristo que Se levanta como uma bandeira. Onde outros comparecem com ela — é Cristo que Se apresenta por imperativo da Sua promessa. E é Ele, o sedutor dos homens de boa vontade em todos os tempos e lugares, é Ele a causa daquilo que se produz no ar que respiramos, da alegria (feita de quase inocência original) que se gera no coração de cada um.

Foi assim no Porto e em Aveiro e em Coimbra e em Lisboa e em Setúbal. Voltará a ser assim no Coliseu, quando no dia 7, com programa ligeiramente diferente, os nossos Rapazes e Doentes lá voltarem. Esperamos que seja assim em Viseu quando lá nos encontrarmos com as belenitas, próximamente. Talvez, também em Viana do Castelo, última concessão que este ano ainda farei ao desejo do Américo e da sua companhia, mais do Júlio, Administrador da mesma e ministro da propaganda.

E eu não digo mais nada, que os cronistas, certamente, abundarão no relato do que foi e como foi cada uma das nossas Festas.

## BARREDO

A carta que me chegou um destes dias à mão, levou-me ao Barredo com mais urgência. Foi uma mãe amargurada da Rua de Baixo: «Sr. Fernando venha à minha casa. A minha mãe que estava com um dos meus irmãos e agora entravada, veio para minha casa e eu não lhe posso valer. Não tenho que lhe dar a comer e a roupa que tenho não chega, pois, ela faz tudo na cama. Não se esqueça. Venha por amor de Deus». E eu fui. E fui, como sempre, por amor de Deus. Estes nossos irmãos sabem que nós vamos até eles só por amor. Se não visitarmos estes nossos irmãos por amor de Cristo e com Ele não levamos nada. O que levamos de material é uma tal ridícula que se o não dessemos por amor, eles os nossos queridos pobres tinham o direito de o repeliarem e de nos injuriarem.

No domingo, após a Santa Missa, onde comeci a visita àquela mãe amargurada, lá me dirigi para a Baixa.

Se não fosse esta carta, desta vez não ia para os lados da Ribeira mas sim para a outra banda do rio ou talvez para o Bairro de S. João de Deus — Areosa, por via de muitos outros casos que esperam um pouquinho do nosso conforto e carinho.

Fui após a Missa, porque as aflições de quem nos procura postas e vividas diante do sacrário são resolvidas com mais caridade, com mais alegria. E a alegria no Senhor é tudo.

Por isso é que compreendo os corações ansiosos por nos ajudarem, aflitos por o não poderem fazer em maior quantidade.

Nós sentimo-nos tão felizes com o carinho que dispensais a esta nossa Obra, e os pobres também se sentem mais contentes por saberem que não estão abandonados. Se podeis, vinde comigo. «Os mártires» dos Barredos esperam-vos. Se não podeis, enviai um obolozinho acompanhado de muito amor pelo próximo.

Quando saí de casa levava uns patacos que pedi ao Zé, mas uma senhora de idade da rua Santos Pousada não quis que fosse com tão pouquinho e deu-me mais umas boas notas de vinte. Bem haja. E quando pude eu passarei novamente por aí.

Fui sozinho. Convidei, mas por várias circunstâncias, ninguém quis ou não pôde acompanhar-me. Porém o espírito de Pai Américo aceitou o convite. Fui

Domingo, 7 de Abril

Às 18,30 h.

Os bilhetes para a nossa segunda festa estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu.

COLISEU

DO

PORTO

PARA MAIORES DE 6 ANOS

Cont. na pág. DOIS



# Colaboração

Uma Carta noutra lugar publicada diz a razão porque nos decidimos a dar à estampa este resto da colaboração, seleccionada para o número de aniversário — seleccionada superabundantemente para as possibilidades de espaço no jornal, mesmo com o dobro das páginas.

É que tal correspondência é tema de meditação para muitos outros e assim, o nosso jornal é, já não só ponto de encontro entre os leitores e a Obra de que lêem, mas entre todos os que se encontram nela, no amor dela.

## O FAMOSO

«Em férias, chegou-me às mãos um postal a solicitar o pagamento do livro e, posteriormente, outro a informar que a minha assinatura havia terminado em Fevereiro.

Porém, é passado já bastante tempo e, certo da vossa benevolência, não mais tratei de pagar esses «calotes»...

Não há dúvida de que o meu proceder não condiz com o vivo interesse que, desde início, me merece a OBRA do inesquecível PAI AMÉRICO; mas o certo é que as coisas nem sempre correm como queremos, restando-me simplesmente a certeza de que DEUS sabe o que faria este Pai de sete filhos se as possibilidades financeiras o permitissem.

Resta-me, pois, pedir-vos, meus bons Amigos, muita desculpa do sucedido e juntar o vale de 200\$00, que se destinam a liquidar todo o meu débito.»

«Apenas desejava informar que os jornais estão a chegar com um atraso muito grande.

Acabo de receber o Gaiato do mês de Setembro. Como vê, as notícias do jornal fazem-nos muita falta, de modo que estranho, visto que nunca houve este atraso.

Faço votos para que o jornal, venha ter às nossas mãos o mais rápido possível.»

«Encontro-me em Luanda desde os fins de Setembro e como estive algum tempo sem ter a certeza onde me iria instalar, não participei logo a minha direcção.

Finalmente, consegui arranjar casa e escrevi uma carta registada, com 100\$00 angolares e o pedido de continuarem a contar comigo como assinante que sou desde a primitiva do vosso querido «Gaiato». Parece que vindo mesmo de barco já devia ter recebido o primeiro número, mas até agora não chegou. Não sei se a carta não chegou ao seu destino apesar de registado ou se esqueceram da velha (e bem velha) assinatura.

Não posso dizer a data ou o número da minha assinatura por não ter trazido os jornais. Com um bocadinho de esforço o encarregado pode ver as fichas e lá encontrará a minha última morada aí no Porto.

Tantas saudades tenho do nosso Gaiato...»

«A fim de pagar a minha assinatura de «O Gaiato», pelo qual mantenho a mesma admiração da primeira hora, envio 100\$00.»

«Vindo ixar residência nesta cidade, (Luanda) venho pedir-lhe o favor de avisar na redacção para me enviarem o jornal de que tantas saudades tenho, pois há mês e meio que aqui me encontro privada da sua convivência com os Gaiatos e com tudo que se relaciona com as suas vidas.»

## PROMESSAS

«Há bastante tempo que estou em dívida convosco. Razões de vária ordem têm-me impedido de vos escrever, do que peço desculpa.

Enviar-vos este dinheiro representa para mim o pagamento de uma dívida, pois trata-se duma espécie de «promessa» feita ao Pai Américo. Na verdade, eu tinha-lhe prometido mandar-vos este dinheiro, se me ajudasse a alcançar o que na altura desejava. Como penso tê-lo conseguido por sua intercessão, aqui vai o dinheiro prometido e oferecido com imenso gosto.

Julgo que as almas que estão mais perto de Deus conseguem mais facilmente aquilo que as nossas pobres orações, por vezes, não alcançam. Por isso me resolvi a pedir isto ao Pai Américo e também porque a leitura do vosso «Gaiato» me desperta sempre imenso desejo de vos ajudar.

Aproveito mesmo para vos agradecer todo o bem que o vosso «Famoso» me tem feito e para vos pedir que se lembrem de mim nas vossas orações, para que me seja possível continuar a ajudar-vos.»

«Vou dirigir esta carta em nome do Sr. P.e Manuel António, e explico essa preferência:

Tenho um filho com o mesmo nome, que este ano, se Deus quiser, terminará o seu curso.

# dos leitores

Não costumo fazer promessas porque sei que Nosso Senhor nos dá sempre aquilo que tem determinado, mas também não ignoro que Nosso Senhor disse: pedi e recebereis. É nesta conformidade que Vos peço umas orações pelas felicidades espirituais e morais dos meus dois filhos.

Costumo sempre agradecer a Nosso Senhor todas as graças que me concede, por isso envio uma pequena importância para pagar a assinatura do vosso «Famoso», não sei se estou em dívida, mas isso não importa, porque todos nós estamos sempre em dívida convosco, e pedindo a Nossa Senhora que vos ajude porque por vezes a vossa Cruz deve ser um pouco pesada, mas com o vosso optimismo e com a ajuda do «Alto» tudo continuará a seguir pelo caminho traçado pelo «Obreiro» que, se em vida não viu totalmente realizada a sua «Obra», lá do Céu estará concertada a contemplá-la e a guiar os seus continuadores.

Gosto do vosso jornal que leio de «fio a pavio», por isso acho que não tem preço. Quando puder lá irão mais umas migalhas.»

## NOTA DA REDACÇÃO

De todo o coração apoiamos o «não costumo fazer promessas» deste nosso leitor. E temo-nos batido, sempre que surge ocasião, contra este abastardar da Fé que as promessinhas representam.

Aliás, as duas que se apresentam neste parágrafo não são promessas típicas. Mas vêm aí ter muitas, desde as velinhas que têm de arder sobre a pedra tumular de Pai Américo, até à esmola de 100 escudos que tem de se pulverizar por outros tantos pobres, etc. etc.

Ora Deus é Pai. Com Ele não se negociam propostas. Pede-se, porque sabemos que Ele é sumamente bom e omnipotente. Por isso que acreditamos e tudo esperamos d'Ele, pedimos, deixando-lhe, contudo, o sim ou não, que só Ele sabe o que é melhor.

E agradece-se, agradece-se sempre, porque o sim, ou o não que constitui a resposta é com certeza o melhor que Deus tem para nos dar.

Vede a carta que aí publicamos, de um pai que esperava o seu filho e, não lhe tendo este chegado a nascer, louva o Senhor e cumpre tudo quanto tencionava fazer quando o seu filho nascesse!

Isto chama-se Fé, Fé esclarecida e consciente de com Quem dialogamos nas nossas preces.

Pedir — sim. Agradecer — também. Promessas... — deixemo-nos delas.

## ACÇÃO DE GRAÇAS

«Peço nas Vossas orações que agradeçam a Nosso Senhor por mim, ou antes, juntamente comigo, graças maravilhosas que fez à minha família no Ano que passou e que elas se continuem pelos que vêm.»

«Quando o Sr. P.e esteve em... com cujo encontro ambos rejubilamos, disse-lhe, à despedida, que brevemente daria notícias, pois o 7.º estava a caminho. Porém, Deus na Sua infinita sabedoria, não quis que «ele» viesse e assim na noite do fim do ano minha mulher abortou. Continuamos a ficar com os 6.

Já do tempo do nosso saudoso P.e Américo, eu costumava enviar sempre 100\$00 pelo nascimento de qualquer filho. Era aquilo que receberia como primeiro abono de família. «Ele» nasceu no coração de dois e ambos chegamos a «vê-lo» pequenino, pequenino, mas fruto do nosso amor. Levou-o Deus e seja feita a Sua Santa vontade. No cheque que junto, seguem os 100\$00, o seu abono que não cheguei a receber, mas que era devido à Obra.

Embora não tenha correspondido, nem tão pouco tenha sido feita justiça ao trabalho que desempenho, no mês de Janeiro recebi um aumento de 300\$00 e, como sempre, resolvi distribuí-lo por 3 instituições, cabendo 100\$00 a cada uma. No cheque incluso aí vai a verba que coube à Obra da Rua e gostaria fosse entregue ao Sr. P.e Baptista para o Calvário. O costumeado abraço de muita amizade e admiração, fecha esta missiva.

Uma Avé-Maria pelo meu lar e pela felicidade, no seio do Senhor, de todos os meus filhos. Uma prece especial pela vocação do Carlos que lá continua a preparar-se para Missionário.»



Vem da página UM

com ele. Eu compreendo a ansiedade d'ele e dos nossos Padres em nos salientarem constantemente o lema da nossa Obra: «De, para e, principalmente, pelos rapazes».

Estava um dia de chuva. As escadas dos Guindais levaram-me à Ribeira que foi um instante. São umas dezenas mas vale a pena transitar sobre elas com o fim que levava. É que ali também me esperavam. Já não é a Senhora Leonor, pois, ela faleceu há algum tempo. Deus a tenha no seu reino. É mais uma alma a pedir por nós. Sim e também por ti querido leitor. Pois era com os teus donativos que lhe pagávamos o aluguer e lhe dávamos a mercearia. Fizemo-lo durante muitos anos.

Da Ribeira ao dito Barredo são uns passos. E esta pobre da Rua de Baixo fica mesmo no coração deste lugar de Mártires e de Santos. Sim. Pai Américo sabia muito bem que o eram.

Vinde e vereis se é assim ou não. Vinde ouvir aquela viuva que não tem que comer e em vez de pedir para ela pede para uma outra que

está doente. Vinde ver um pai que mora na rua do Barredo e que foge de casa por não ter que dar aos filhos. «Eu não posso estar lá em casa, porque eles pedem-me pão e eu não tenho». Vinde! Os filhos são 5 de tenra idade. Ele não tem tido trabalho e a mãe estava de cama. Quando tem trabalho não aceita o que lhe quero dar. «Esta semana o meu homem trabalhou. Dê a outro». Mas se não podes querido leitor, se a tua vida te não permite, então envia-nos o que te sobra. É justo que dividamos o que nos sobra. Para quê amontoar? Deus, no juízo final não nos pede mais nada a não ser amor. E se não amarmos os nossos irmãos como a nós mesmos, não entraremos no reino celestial.

Desta vez não fui à Senhora Maria José. Quando olhei para o relógio já não tinha tempo. E quando meti a mão na algibeira já não tinha nem um tostão. Mas este mês vou. E já sei que vou ouvir a filha a chorar «porque ela dá-me cabo de tudo».

Já lhe levei os lençóis que tinha. Um único cobertor que presentemente tenho é para a entrêvada da Rua de Baixo. Ainda tenho que arranjar mais uns lençóis para a

mesma e para esta última da R. de Baixo. Por isso, amigo, fica aqui uma lembrança. Pelo menos estas duas velhinhas completamente entrêvadas têm que ter lençóis para mudar. Quem me ouve?... Confio em Deus.

Acabei a volta na casa da senhora Ester. Fica a um cantinho, logo no princípio das escadas a detrás do Seminário da Sé. Ela estava doente. O marido, também de avançada idade, estava a limpar a casa. E o fogueiro enfeitava ainda mais aquele tugúrio. Quem lhes dera apanhar o curral dos nossos porcos! Quem lhes dera! Mas é assim. O mundo não vê nada! Ou finge não ver. Deus se compadeça.

Esta senhora Ester também precisa muito de roupa. Um amigo do Porto por lho não poder arranjar escreveu-me que visse o que podia fazer. Tudo se pode arranjar, mas todos temos que ajudar, todos temos que nos afligir. Depois Deus dirá a última palavra.

Fernand o Dias

Visado pela  
Comissão de Censura

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



# CALVÁRIO

Vem da pág. UM

precisamos dos que sofrem, como amparo preventivo à corrupção, ou como remédio eficaz de Redenção.

É este o pensamento que me assalta, sempre que trago comigo mais um doente para um leito do Calvário. É Cristo quem no-lo confia para que lhes diga que sofram por ti, por mim, por tantos!

Que feliz é o doente que sofre! Que felizes somos nós, que temos quem por nós oferte seu penar!

Precisamos todos muito desta comunhão com os que sofrem para darmos um sentido verdadeiro ao nosso rumo terreno, ou para não nos desviarmos do que é recto. Olha a beleza desta comunhão! Aprende nela o modo de o fazeres também, para sentires a alegria que esta senhora de Benguela guardou ao ajudar a mãe da Rosária. «— Vão 100\$ para a mãe da pequenita de 14 anos, e que tanto me impressionou. Mãe tão pobre e com tantos filhos. Eu não sou pobre e não tenho nenhum. Ela tem a má-gua de os ter e não ter que lhes dar. Eu a má-gua de ter que lhes dar e não os ter. Ao pé da sua dor a minha não tem direito de existir». Como Cristo há-de ter ficado contente com esta comunhão. Mas há mais. É uma lista, que aqui vai delas, e que tu vais saborear.

«Aqui estamos, senhor padre, humilhados consigo, por ter ido à Fundação. Tudo se há-de erguer e de apetrechar. Tome 200\$ para ajuda».

«Venho agora com mil, com pena de vir tarde, mas quis cumprir primeiro um gosto de oferecer uma casa aos pobres, o que já realizei». É uma Emília que assim fala. É de Lisboa. Engenheiro da Rua Sá da Bandeira também traz mil, em carta muito discreta. Antonieta cem. M. da Graça 150\$00. Casal de vareiros vem com um «lemon sempre o vosso jornal como se rezássemos uma oração». Doadora de sangue com parcelas de vinte. Paroquia na das Antas com 150\$00. M. Júlia com 40\$00. Madalena com 200\$00. Anónima da Rua das Papoilas com 50\$00. Assinante de Portimão com um beijo para a Rosária. Júlia de Lisboa com o óbulo habitual. M. J. com 20\$00. L. V. com outro tanto. Pecador com 20\$. L. V. com 100\$00. Viúva locista com 300\$00. Doente para doentes com o carinho de sempre. Senhora de Newark com 5 dólares. A. Pedro com 150\$. Maria com migalhas. Maria e Francisco com 40\$00. Mais um pecador. Mais outra pecadora. Ramos com 50\$00. Viúva de Palmela com 200\$00. Viúva doente com seu óbulo. Assinante com 100\$00. P. Horácio com mil de uma mãe com outros mil de uma filha, mais 500\$ de migalhas que lhe têm entregue. Idalina em 200\$, para o colchão da doente a quem o marido pôs na rua. Portuense qualquer com 20\$00. Dona de casa com o mealheiro. Gru-

po recreativo com 58\$00. Casal amigo com mil. Anónimo com 500\$00 de aumento de ordenado. Pároco com 100\$00.

Luso-americana de Chicago que tem o coração sempre em Portugal vem com roupas. Doente de Lisboa com 100\$00. Senhora de Lisboa com 300\$. Pecador do Porto com 50\$00. Portuense qualquer com 70\$. Coronel amigo com 170\$00.

De muitas procedências e muito variada tem vindo roupa para irmos abrigando os doentes. São chailes, cobertores, lençois, fatos, e agasalhos. De tudo o que mais jeito nos faz são os lençois, que nunca são muitos. Nunca ninguém se lembrou de plásticos para as camas. Era tão bom e preciso de um lote delas!

Ainda aqui estão umas parcelas. Do Porto, 100\$00. Do Funchal outro tanto. Do Porto mais 20\$00 de alguém que anseia vir ajudar. Do Luso 250\$. De Carcavelos 100\$00. De Ovar 200\$00. De Coimbra 50\$00. N. F. o dobro. No Espelho da Mo-da Berta e Jorge deixaram 100\$00 mais 50\$00. Maria da Glória 30\$00. Anónima mil. É outra anónima outros mil. É tudo por hoje, ainda que vamos bastante atrasados no dar a público parcelas que nos vão chegando.

P.e Baptista



## Uma Carta

Junto encontrará V. Reverência determinada quantia em vale de correio. Foi o último número do Gaiato que através da «Colaboração dos Leitores» nos veio dar sugestões, para a aplicarmos. Em primeiro lugar, também nós ainda não pagamos a assinatura para 1963: vão pois 100\$00 com esse fim. Para a Administração do Gaiato seguirem mais 900\$00 que ela aplicará, como melhor entender, no envio dos jornais a quem não possa pagar a assinatura, ou precise da sua leitura, ou desconheça a sua existência. Assim poderá a vicentina de Lisboa confirmar que «a falta de dinheiro nunca impede de irmos com uma ideia para a frente».

O restante é para o seminarista da «Inquietação Sacerdotal», ou, se por acaso alguém chegou primeiro, para responder ao apelo do Senhor Padre Acílio.

Outro dos leitores citados compara caridade com a esmolazinha. A comparação é extremamente violenta mas real, principalmente, quando pensamos que há «esmolazinhas» que podem atingir expressões materiais muito grandes. É costume limitar-se aquilo que se dá ao que «se pode» mas esta possibilidade é subjectiva e varia muito no tempo. Nós próprios, colocados perante a necessidade a precisar, optamos há anos por uma solução que nos pareceu então arriscada e seguramente correspondente ao máximo que se podia exigir de nós: a dedução intransigente de uma percentagem fixa sobre o montante ganho em cada mês. Ainda quando em determinado ano, verificamos que o restante não chega para cobrir as despesas que tínhamos, nem por isso cedemos: limitamo-nos a dar mais depressa para evitar tentações. A experiência de perto de cinco anos de casamento mostra-nos que nada do que demos nos fez falta (a nós, ou às nossas filhas) Que, finalmente, acabamos por dar uma percentagem superior à que julgávamos inultrapassável para quem tem encargos de família, e que demos sem sacrifício. Isto é, se a Caridade exigisse sacrifício, então nós teríamos de concluir que nunca fizemos mais do que dar «esmolazinhas».

Se lhe escrevemos isto, Padre, é porque acreditamos que possa ser de utilidade para outros casais com filhos e vivendo do seu trabalho, o conhecimento de que é possível viver sem sacrifício reservando sistematicamente, para outros mais necessitados, uma percentagem certa sobre todos os ganhos: basta experimentar e nem sequer é preciso, inicialmente, fixar uma percentagem muita alta...

Seus Amigos

# BELEM

Aqui lhes apresento hoje a nossa senhora Rosa. Ela deve andar perto dos 80. É viúva e tem duas filhas. Uma retirou-se há muito para um Convento. A outra, coitada, é meia inocente, como dizem pelas Casas do Gaiato, e foi de novita para um asilo. Passados os 50 descobriram que tinha bom corpo para trabalhar e devolveram-na à mãe. Não conseguiu adaptar-se à nova vida e ao trabalho. Adoeceu e, em vez de aliviar, veio aumentar o peso da cruz da Mãe, que chegou a vender a cama e outros pequenos trastes para lhe comprar remédios. Felizmente conseguiu voltar a metê-la no asilo.

Andava ela desanimada com a vida e com os muitos achaques próprios da idade, quando alguém lhe falou no «Calvário», como refúgio ideal para doentes desamparados. Também lhe disseram ser eu a pessoa indicada para lhe conseguir lá um lugarzinho. Por isso apareceu em Belém a desfiar todo o seu rosário de privações, doenças e abandono. Contou, contou e foi deixando cair lágrimas de desânimo e aflição.

Eu sentia-me entre a espada

e a parede. Dum lado o grande abatimento da Senhora Rosa e a centelha de esperança que lhe pôs na alma a redenção do «Calvário». Do outro as exigências do Snr. P.e Baptista, que guarda ciosamente os lugares para os casos mais aflitivos.

Ora a verdade era que a Senhora Rosa, em todas as suas mazelas, ainda andava a pé, podia ir fazendo pela vida, batendo à porta de quem lhe pudesse conseguir alguma ajuda.

Eu não sentia nem coragem para pedir a sua admissão no Calvário, nem para aumentar o desânimo na alma dolorida daquela viúva. Fui-lhe dizendo que havia de falar, mas que fosse também procurando solução por outros lados, porque os lugares no Calvário eram poucos e os necessitados muitos. Mas ela via no Calvário a única tábua de salvação e não me largava a porta. E eu sem encontrar outra saída.

Surgiu-me, finalmente a ideia salvadora... Ela voltou mais uma vez e eu tratei de lhe pintar ao vivo o Calvário, como lugar de grandes sofrimentos. Descrevi-lhe com todo o realismo que pude, casos de doentes que eu conhecia. Ela ouviu, ouviu. Mediu as suas dores pelas desses doentes e achou-as mais pequenas. Compreendeu que esses outros tinham direito à preferência. E achou que se para lá fosse, presenciando tanto sofrer, era capaz de ainda morrer mais depressa...

Então mudei de tom, falei-lhe do bem que é a posse da nossa liberdade. Ter o nosso quartinho com todas as pequenas coisas que nos falam do passado. Dar a volta à chave e ir para onde nos apetece. Enfim, poderemos manter os hábitos adquiridos e que são difíceis de mudar aos 80.

Via-lhe no fundo dos olhos que estava a concordar comigo e até a deixar-se possuir de certo entusiasmo, que culminou quando lhe prometi uma cama para substituir a que vendeu e pagar a renda do quarto. Quanto aos outros problemas, também se havia de encontrar solução para eles.

Já vai para dois anos que isto se deu e a Senhora Rosa nunca falha, a receber a renda da casa, no fim de cada mês. Comida vai buscá-la diária-mente a outra casa. Por vezes, se posso esquivar-me quando a sinto à porta, mando uma belenita atendê-la. É que ela quer conversa mas, como é muito dura de ouvidos tem que se lhe falar em altos berros e não me abundam energias para tal.

Porém, uma das últimas ve-

zes, insistiu em que queria falar-me. Desta é que não me escapo, disse para os meus botões. Ter-lhe-á por lá voltado a ideia do Calvário?

Mas qual o quê? Ela queria era agradecer a trouxe de roupa que levava pelo Natal e fê-lo com dois beijos, um de cada lado. «Se não fosse a Senhora, que havia de ser de mim... Assim ando aqui quentinha...». Explicou-me, toda consolada, como alargou costuras, desceu bainhas, mudou botões, para que tudo ficasse à sua moda...

Mais duas beijocas por despedida e ela aí vai, toda satisfeita da vida. Sente-se feliz no meio da sua pobreza.

Eu quisera conservar a casa onde Belém nasceu para nela atender todas as Senhoras Rosas, Rosinhas e Rositas que viessem até nós em procura de solução para os seus problemas.

Será que Deus já terá alguma alma em vista para vir ajudar a tornar realidade esta nossa aspiração, que vai tanto ao encontro das necessidades da nossa época?

Inéz — Belém — Viséu

## Auto Construção

Uma das características mais salientes deste movimento será operar uma verdadeira multiplicação. Na base, como já dissemos e havemos de repetir sempre repetidas vezes, está a exigência da economia e do trabalho. Todo o rapaz que se resolve a ser Auto-Construtor terá imediatamente de ser mais trabalhador e mais económico. Tem de fazer a sua vida profissional e, ao mesmo tempo sem prejuízo, tem de fazer também a sua casa. Tem ainda de fazer as suas despesas habituais e, para além dessas despesas, de economizar tempo e dinheiro em ordem à mesma construção.

Em verdade Auto-Construção não constrói. Orienta, doutrina, estimula e ajuda e subsidia gratuitamente. Em auxílio que está a dar a todos os Auto-Construtores e que espera continuar a oferecer, quer ser o motivo, a razão de ser do trabalho e da economia dos próprios trabalhadores. O individualismo é uma grande tentação para a maioria das nossas gentes. Para se arrancar o homem a esse individualismo é preciso um predígio de esforço e de persistência.

Daí a necessidade do estímulo do auxílio que todos desejamos pudesse desaparecer também em Auto-Construção, mas não vemos nem como nem quando. Nas circunstâncias actuais por cada cinco centos que nos dêem nós garantimos a construção duma casa que ficará a valer cinquenta. Dar cinco

Cont. na pág. QUATRO

«O Gaiato» ★  
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes



# Do que nós necessitamos

A quase totalidade dos donativos que recebemos, vêm das mãos dos nossos leitores, pela confiança no Senhor e pela Fé que nos há-de salvar. O espaço do jornal é tão pequeno que, se não fora, muitas outras provas de carinho e confiança, que até nós chegam, seriam publicadas. Mas, algumas cá vão. E louvemos o Pai do Céu, por tudo o que nos dá.

De Lisboa, 500\$00 dum anónimo e a sua carta:

«Abriram-me uma conta bancária. Quero que o meu primeiro cheque seja para uma obra de caridade, pedindo às Benditas Almas do Purgatório, para que intercedam junto de Deus, afim de serem ouvidas as minhas múltiplas preces».

Da esposa do assin. 21579, 50\$, «para solenizar a data do casamento dos meus queridos Pais, 50 anos de casados». Que Deus seja com eles. O Porto com 20\$00. Pró Barredo, 100\$. Do Presépio de Faria Guimarães, 150\$. António com 5.000\$, entregues na Casa amiga que é o Espelho da Moda. E tudo o mais que lá vai parar, com destino às Casas do Gaiato. 23\$50 do Porto. Dum assinante de Rio Tinto, 100\$. Lisboa com 10\$ em selos do correio. Um pacote de revistas de Cam-po Maior.

«De uma amargurada pelo

## Auto Construção

Cont. da pág. TRÊS

mil escudos à Auto-Construção é, praticamente, construir uma casa no valor de cinquenta contos. Ora esta multiplicação—baseada na valorização do trabalhador pobre—será a favor da família, da Nação e até da indústria nacional. Mas não devia ser preciso o subsídio dirão muitos. Nós também dizemos o mesmo, também dizemos que para haver Auto-Construção não deveria ser preciso haver subsídios. Mas isso ainda não é para já. No momento actual, diz-nos alguma experiência destas coisas cada um ou cada família pretende resolver o seu caso, não querendo, de maneira alguma colaborar com outros companheiros em ordem à construção das casas construídas por todos e para todos. Pode ser e acreditamos que amanhã não seja assim. No entanto enquanto se mantiver esta mentalidade geral os trabalhadores só irão para Auto-Construção fascinados por um pequeno subsídio que reverterá a favor de todos. Mas não é preciso ser muito grande.

Cinco contos e o resultado de um casa que valerá cinquenta.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

dia 22 de Janeiro», 50\$. Vila Chã com 1.000\$. Medicamentos de Viana do Castelo, coração do Minho, que eu tanto gosto de visitar! Mais 70\$, de algures. Lisboa com duas vezes 75\$00. Deve ser da mesma pessoa. O Porto com 30\$, mais 50\$, e mais 20\$ de E. D. M. De uma anónima, 20\$ por alma de seu marido. Da Fábrica Lãli, 160\$. Gaia com 20\$. Uma encomenda e 120\$ de M. C. Brandão. Carevelos com 70\$. Caldas da Rainha, com 250\$. De Gabriela, 50\$. Da Avó de Mosevide, duas presenças com a «triste folha de alface» e sua amizade.

Mais donativos da Capital. «De uma Mãe de 7 filhos», 50\$. Da Rua da Madalena, duas presenças com os 20\$ de todos os meses e sempre silenciosos. Da Av. João XXI, um cheque de 500\$, para compra de cobertores. Para os nossos pobres, 160\$. Duma Maria Manuela, 70\$.

Do Snr. Manuel da Rua da Corticeira, os 20\$ mensais e igual quantia por ter trabalho. 10\$+10\$ em selos de correio. Quelimane com 50\$. De Tomar, 200\$. De pessoa amiga, que todos os meses aparece, da Diamang, 150\$+100\$. Um depósito de 400\$ em Luanda. Mais 173\$10, sobra de um saldo de Amorim Lage, L.da do Porto. Que bom, se outros amigos se lembrassem de nós, com as suas sobras!

«Por alma d'Aquela que eu tanto amei, para a Obra que Ela tanto amava», as presenças de Janeiro e Fevereiro. De Lisboa, as saudações pelo aniversário do «Famoso», acompanhadas de 1.500\$, e votos de prosperidades em Cristo Nosso Senhor. Agradecemos. Do sempre amigo e nunca esquecido Pessoal da Mobil, 102\$. Um primeiro ordenado de 500\$, do Porto.

Promessas de 100\$, 20\$00, 250\$, 50\$, 500\$. Mais 100\$ de «Uma Maria». De Tomar, 50\$. Mais 120\$ de S. Martinho da Gandra, satisfazendo uma promessa. Para o Barredo, 100\$. De «Uma Estudante alfacinha», 20\$ e informamos que o nosso Lar de Lisboa, fica na Rua dos Navegantes, 34-r/c, onde poderá entregar as suas ofertas. Mais esta carta dum leitor:

«Junto 100\$ para essa grandiosa obra, para que a Providência me cure de uma doença que nasceu talvez dum pecado meu, e para que assim me perdoe, se o mereço».

Roupas de Lisboa. 1 Uma camisola e 320\$ de Bragança. Outra camisola, toda tirone de

Amarante. «Uma migalhinha» de 100\$. Um casaco de algures. Muitos lenços, do Porto. Roupas da Parede. Duas peças de eotim da cidade de Guimarães. Roupas de criança de Lisboa-3. Mais Tomar, com roupas usadas. Da nossa Beira, retalinhos de roupa, confeccionados com muito amor. «Uma Mãe» enviou-nos medicamentos e roupas «de pessoas saudáveis».

Da caixa «Os Vinte Estrelas de S. Lázaro», 598\$. Duma Professora de S. Tiago de Calem «20\$ que foram amealhados pelos meus alunos para os pobres, e eu para aí os envio, com promessa de continuidade». Mais 1.000\$, do Porto. «Esse dinheiro é o meu primeiro ordenado, que prometi oferecer para essa Obra, em acção de graças por favor obtido». De uma velha assinante, um relógio, em satisfação de um pedido que o jornal publicou há tempos. De Ilhavo, 150\$. Mais

um aumento de ordenado, que trouxe 660\$80.

«Um Ninguém» com 100\$. A presença de dois meses de António, com 100\$ para a viúva da Nota da Quinzena, e mais 100\$ para ajudar uma mãe a alimentar seu filho. Como é persistente este António! De Sintra, «Uns Pais gratos a Deus», enviaram 2 embrulhos de roupas usadas, e o desejo de muito mais. Que o Senhor os acrescente. Mais 500\$ e estas linhas:

«A inclusa importância, destinada à admirável obra do Gaiato, é fruto, no meu amargurado coração, do sacrifício de um querido filho, morto em Angola, ao serviço da Pátria». Que Deus tenha a sua alma em eterno deseanço.

E para finalizar, a alegria de dar na inocência desta cartinha, tão linda, dum criança de 7 anos:

«Tenho 7 anos e a minha mãe costumava dar-me o «Gaiato» para eu ler. Achei estes 20\$00 e resolvi mandá-los para os vossos pobrezinhos, que tanto sofrem. Quando for grande e tiver dinheiro mandarei sempre que possa.

Um beijo da Cristina».

Retribuo o teu beijo, Cristina, e que o Senhor te faça sempre muito boazinha.

E até à próxima se Deus quiser.

Manuel Pinto

## TOJAL

SELOS USADOS — Estivemos quase tentados a dizer que a campanha iria parar. Mas não podemos dizer nada disso porque um anónimo se apresentou no nosso Lar de Lisboa e deixou para a campanha uma par-

## LAR de COIMBRA

NECESSIDADES — Elas são tantas e tão grandes em tantas partes que até parece mal falar das nossas. Mas os senhores desculpem lá e vejam se podem aliviar as «dores de cabeça» da senhora Maria da Luz. Ela quer ter o nosso Lar arranjadinho, muito confortável na sua pobreza.

## PELAS CASAS DO GAIATO

te da sua colecção de selos que religiosamente possuía. Não sabemos quanto valerá, porque ainda não consultamos os peritos da especialidade. Logo que saibamos algo, daremos notícias aos nossos queridos leitores. E vamos prá frente, que parar é morrer. Se quiserem um exemplo, temos este grande amigo que se não importou de se desfazer da sua colecção para contribuir (de que maneira), para o pagamento da nossa máquina. Escusado será dizer que este nosso anónimo ocupa o primeiro lugar. O campeão de todos os Quadros d'Honra. Para ele, o nosso muito obrigado.

Vem a seguir D. Felicidade Pereira Coutinho, de Luanda; Feliciano Monteiro Guedes, do Rio de Janeiro; Luís Guerrazzi, do Brasil; de P. Barata, da Nazaré; Assinante n.º 1.840, de Lisboa e finalmente de D. Noémia Gomes, grande amiga dos Gaiatos e bem nossa conhecida.

A todos, o nosso muito obrigado.

FUTEBOL — Jogamos pela 2.ª vez este ano. O resultado de 11 a 0 indica a diferença que separa as duas equipas. Na verdade os rapazes de S. Vicente de Fora (educadíssimos e correctos), não puderam fazer-nos frente, em virtude da capacidade técnica dos nossos jogadores. Os golos apareceram, com naturalidade e se mais não marcamos foi porque não quisemos.

Aproveitamos para convidar equipas com mais categoria, para que os nossos rapazes se habituem a ganhar o calo necessário para jogos difíceis.

Queremos agradecer algum material desportivo que nos ofereceram nos CTT. Muito obrigado.

Cândido Pereira

Para isso precisa de chitas. Retalhos dos senhores armazenistas ou de qualquer proveniência. Tudo serve.

Com certeza que todos têm sentido como nós o rigor do inverno. Imaginem tanta gente a querer sair para os seus afazeres, estudo, empregos e sem chapéus de chuva nem coisa que substitua... Por isso se estiver aí alguma coisa... que possa livrar-nos da chuva... É só um rótulozinho dirigido ao Lar do Gaiato de Coimbra.

la falar em bolas de ping-pong. Todos sabem jogar com elas e partir delas, mas comprar... Compreende-se; nem sempre há com quê! Mas hoje não falo mais nisso, senão até me chamam pedinchão.

Joaquim

## BELEM

BORDADOS — Depois que eu escrevi no jornal a dizer que vendemos bordados e rendas, algumas pessoas pediram para fazermos trabalhos por encomenda.

Ora eu disse que podíamos vender trabalhos, mas nas mesmas condições dos que vendemos à primeira Senhora.

Há pessoas que pedem bordados que nós não sabemos fazer, porque ainda somos muito pequenas e nem sequer temos mestra de bordados. Fazemos os que já sabemos e os que a nossa Mãe nos vai ensinando, quando tem algum bocado livre. Às vezes até somos nós que ensinamos umas às outras. Temos de idade 8, 9, 10, 11 e 12 anos. Quando um trabalho vem para as nossas mãos nunca

## Um Anúncio

São pintos. Pintos... ou ovos de categoria, que dêem pintos da mesma sorte.

Nós tínhamos uma sócia capitalista que todos os anos por esta altura nos mandava pintos ou ovos, que aqui davam pintos que eram uma beleza. E tudo cá em casa desdenhava do meu aviário, mais do Carlitos! Mas vinha P.e Horácio e pedia pintos. E P.e Zé Maria, idem. E P.e Acílio do mesmo modo. P.e Baptista não pedia porque tinha lá D. Virgínia que tem muita habilidade para pedir. Isto para não falar num comilão lá das bandas do Douro que também por aí vinha abichar. Era um bodo aos Pobres! Uma consoladela!

Vede pois a minha tristeza ao chegar a notícia: «Vendemos a chocadeira já há tempo, e apesar de continuarmos com galinhas de boa linhagem, não poderemos fornecer ovos para incubação».

Não haverá pois aí outro aviário que tome a posição desta sócia na nossa empresa produtora de galináceos?

se sabe ao certo se chega ao fim em condições de ser vendido. É que ainda andamos a aprender e não se pode aprender tudo dum vez. Certas meninas até se esquecem que devem ter sempre as mãos muito limpas. Até já têm aparecido trabalhos com borões de tinta ou cortadelas, porque algumas vão metendo brincadeira pelo meio.

Trabalhos muito grandes também não são para a nossa idade. Nós do que gostamos é de acabar depressa para mudar os pontos e as cores das linhas.

Apesar disso já por cá fazemos trabalhos que se podem ver. O Senhor que mandou 200\$00 para uma toalha já escreveu a dizer que gostou e já mandou outro tanto para outra. Isto é bom sinal, não é? E todas as outras pessoas a quem mandámos os nossos trabalhos ficaram satisfeitas.

As pessoas de Viseu que queiram comprar bordados devem procurá-los na «Casa Delfim Correia», na rua Formosa, porque nós cá em casa não temos nenhuns. À medida que os acabamos vão indo para lá: A «Casa Delfim Correia», não tira ganho nenhum da venda dos nossos bordados. Por isso o preço deles é sempre o mesmo. Podem vê-los quase sempre numa das montras.

Cá em casa não há ninguém para atender essas pessoas, porque as bordadeiras passam a maior parte do tempo na escola. Quase só trabalham ao serão. Eu só tenho 11 anos, ainda sou muito pequena para tratar dessas coisas. E a nossa Mãe tem outros afazeres e às vezes nem está em casa.

Fátima

«O Gaiato» ★  
Do Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes